

Movimento Ser Família em Comunidade: quando a infância inspira o desenvolvimento comunitário

Mónica Mascarenhas

Resumo

É na infância que se estabelecem as bases para o desenvolvimento e para a aprendizagem. A qualidade dos ambientes de pertença e de participação das crianças – o ambiente familiar; a casa (condições de habitação, acesso a saneamento básico e conforto); a escola; o bairro (os jardins e espaços públicos); o sentimento de segurança; o acesso a transportes, lazer, desporto, cultura e o acesso a serviços, nomeadamente de cuidado e de educação de infância – condicionam de forma determinante o seu desenvolvimento e as suas trajetórias de vida.

Este artigo relata a experiência de cocriação de um movimento de apoio ao desenvolvimento na infância que nasce do desejo partilhado de uma comunidade e que assegura que os ecossistemas de vivência das crianças e das suas famílias têm a qualidade necessária para responder aos seus interesses, necessidades e potencialidades. Investir na infância implica apoiar todas as famílias, com maior impacto naquelas que se encontram em situação de exclusão e/ou de vulnerabilidade, bem como contribuir para o desenvolvimento social e comunitário. Num sentido mais amplo, contribui para a construção do mundo em que queremos viver.

Palavras-chave: educação e desenvolvimento na infância; desenvolvimento comunitário; participação; integração de serviços; família; parentalidade.

Página | 60

Abstract

It is in childhood that the foundations for development and learning are laid.

The quality of the environments of belonging and participation of children – the family environment; the house (housing conditions, access to basic sanitation and comfort); the school; the neighborhood (gardens and public spaces); the feeling of security; access to transportation, leisure, sport, culture and access to services, namely care and early childhood education – determinatively condition their development and their life trajectories.

This article reports the experience of co-creating a movement to support childhood development that is born from the shared desire of a community and that ensures that the living ecosystems of children and their families have the necessary quality to respond to their interests, needs and potentialities. Investing in childhood implies supporting all families, with greater impact on those who are in situations of exclusion and/or vulnerability, as well as contributing to social and community development. In a broader sense, it contributes to the construction of the world in which we want to live.

Keywords: education and childhood development; community development; participation; integration of services; family; parenting.

Introdução

O *Movimento Ser Família em Comunidade* representa a mobilização coletiva de diferentes atores e agentes de transformação social – famílias, profissionais, organizações, redes e grupos informais – que vem sendo ativada em Sintra, desde o ano de 2020, no contexto das intervenções de desenvolvimento local e de animação socio-territorial lideradas pela Fundação Aga Khan¹, em estreita relação de parceria com a Câmara Municipal de Sintra e outras forças vivas do território.

Sustenta-se num desejo partilhado na(s) comunidade(s)² de proteger e promover o desenvolvimento na infância e na ambição de concertar o investimento individual e coletivo, para o estabelecimento das condições de partida que asseguram a todas as famílias, crianças e jovens vidas prósperas, no presente e no futuro.

É na infância que se estabelecem as bases para o desenvolvimento e para a aprendizagem. A qualidade dos ambientes de pertença e de participação das crianças condicionam de forma determinante o seu desenvolvimento e as suas trajetórias de vida. Tal implica assegurar que os contextos têm a qualidade necessária para responder aos interesses, necessidades e potencialidades das crianças. Investir na infância implica apoiar todas as famílias, com maior impacto naquelas que se encontram em situação de exclusão e/ou de vulnerabilidade, bem como contribuir para o desenvolvimento social e comunitário. Num sentido mais amplo, contribui para a construção do mundo em que queremos viver.

O provérbio “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”³ tem inspirado este Movimento. É o mote que convida todas as partes interessadas, incluindo as crianças, a juntar esforços na construção de caminhos cooperativos para viver esta máxima, valorizando e diversificando localmente as respostas e redes de suporte formal e não formal à infância e família.

O *Movimento Ser Família em Comunidade* envolveu até à data 149 famílias, 106 crianças e 121 profissionais em diferentes atividades e eventos, momentos participativos de diagnóstico, de reflexão, de diálogo aberto, de aprendizagem dialógica e de construção a “várias vozes e a várias mãos” daquilo que, em Sintra, acreditamos necessário para “ser família em comunidade”.

A jornada do *Movimento Ser Família em Comunidade* assume um caráter dinâmico, contextualizado, flexível e vivo. Desenrola-se a partir da vivência de um processo cíclico e participado, que se estabelece em três etapas: 1. [Re]conhecer, 2. Refletir, 3. Transformar. Resultou na criação de 19 novos projetos e respostas locais, lideradas e desenvolvidas por moradores e profissionais, em áreas tão diversas como: educação; parentalidade; saúde e bem-estar; geração de rendimento; reforço das redes de suporte formal e não formal; integração de serviços; espaço público e de convivialidade.

¹ Nomeadamente, os Contratos Locais de Desenvolvimento Social 4G Mais Ação, Mais Juntos e Mais Próximo, nos territórios de Tapada das Mercês e Casal de São José, Pendão e Serra das Minas.

² Comunidade(s): entendida como contexto socio-territorial percecionado como uma unidade de referência e de pertença por quem nele habita ou trabalha; contexto de convivialidade e de interação entre as forças vivas que a “compõem”: pessoas moradoras, voluntárias, profissionais, organizações, associações, serviços, autarquias, respostas formais e não formais, grupos, grupos de culto, redes de vizinhança...

³ Provérbio africano, muito difundido entre a comunidade educativa.

Fundamentação e enquadramento teórico

A evidência científica vem demonstrando a importância dos primeiros anos de vida para o estabelecimento das bases que asseguram trajetórias de desenvolvimento, de saúde e de aprendizagem saudáveis. São de importância capital para que cada criança desenvolva o seu potencial e tenha fundações sólidas para a vida. Não será demais afirmar que do sucesso da infância depende o futuro da humanidade.

A investigação realça também os benefícios que os serviços de educação e cuidado na infância têm na vida das crianças e das famílias, com maior impacto em situações de vulnerabilidade quando se assegura a qualidade da prestação de serviços. Tal envolve um foco na equidade e na centralidade da criança e da família. De entre as condições de qualidade apontadas, refere-se como essencial assegurar que estas se desenvolvam tendo em conta os resultados esperados para as crianças e famílias, construídos de forma participativa, responsiva às suas necessidades, demandas, interesses e forças. Enquanto princípios e valores que constituem a base das respostas, destacam-se o desenvolvimento de uma visão holística e de abordagens sistémicas e integradas interinstitucional e intersectorialmente; a valorização da diversidade como uma mais-valia e não um problema a resolver; a participação e a autonomia.

Neste contexto, assume-se como certo que apoiar o desenvolvimento das crianças passa por apoiar a família e assegurar a qualidade dos ecossistemas em que se desenvolvem, ajudando a atenuar ou superar condições adversas.

A Perspetiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano proposta por Urie Bronfenbrenner (Bronfenbrenner, 2005), linha que muitos outros investigadores desenvolveram e elaboraram, nomeadamente, para uma perspetiva ecológico-cultural (Vélez-Agosto et al., 2017). O desenvolvimento da criança é influenciado não só pela sua genética, mas sobretudo pelo ecossistema em que vive e se desenvolve, pelas interações que ela estabelece, ao longo do tempo, com pessoas, objetos e símbolos do seu ambiente imediato, designadamente o núcleo familiar, e outros sistemas de pertença com que interage. É neste intercâmbio de influências que a criança se constrói, ao longo de um processo que continua pela idade adulta (e que persiste através das gerações) (Bronfenbrenner & Morris, 2006). Nesta perspetiva, consideramos que o funcionamento da família e o desenvolvimento da criança são essencialmente uma síntese que emerge das interações entre contextos de desenvolvimento e indivíduos em desenvolvimento que participam nestes contextos, numa determinada temporalidade. Não obstante a influência da cultura, um aspeto fundamental que atravessa os diferentes ambientes de pertença da família e de desenvolvimento da criança, dos mais próximos aos mais indiretos, são de salientar a comunidade e os serviços de suporte à família, as relações de vizinhança, os grupos de culto religioso e o modelo económico ou político do país.

Nesta perspetiva, o desenvolvimento na infância é condicionado pelo ambiente de proximidade da criança, composto pelo lar e por todos aqueles que ali vivem, pela creche ou escola ou, pelos cuidadores, pelo grupo de amigos, pelos vizinhos e pelo bairro; pelas interações entre os diferentes microssistemas em que as crianças se encontram, por exemplo, pela relação entre os seus pais e a escola ou entre os seus pais e a família dos seus amigos; e pelas relações entre sistemas que, mesmo não estando diretamente ligados à criança, exercem influência sobre si (por exemplo, o desemprego

dos pais pode gerar condições de stresse nos adultos e/ou resultar em dificuldades de subsistência económica, que se refletem na qualidade de vida e no seu bem-estar).

Investigação recente demonstra como a comunidade e o bairro podem afetar o desenvolvimento na infância, nomeadamente através de fatores como a coesão social e a confiança na comunidade, a existência de boas redes de suporte, as condições de habitação, o acesso a saneamento básico, segurança, transportes e lazer, bem como o acesso a serviços de cuidado e educação na infância (NCPI, 2021; Goldfeld et al., 2015).

As evidências que vêm sendo produzidas por investigação, mas também as aprendizagens feitas na implementação do nosso trabalho em Sintra, permitem-nos afirmar a importância do impacto dos fatores socioeconómicos, mas também das condições urbanísticas e de convivialidade, revelando que quanto maior a violência, vandalismo, lixo nas ruas e insegurança para a criança brincar, menores são as oportunidades de desenvolvimento infantil. Por outro lado, há evidências da importância das redes de apoio social, tendo a confiança na comunidade uma associação positiva com o desenvolvimento integral na infância. Nas redes de suporte social incluem-se as dinâmicas sociais do bairro, incluindo a existência de vínculos e de redes de apoio, a convivialidade e a conexão entre moradores, bem como a sua disponibilidade para ajuda mútua, o tempo de permanência no bairro e quão amigável à criança ele é. Também se inclui aqui a percepção de segurança dos moradores em relação ao bairro e comunidade.

A complexidade dos desafios (como a pobreza crescente, sistemas de proteção social enfraquecidos, desigualdades crescentes, a discriminação, precariedade no emprego, mobilidade e migração crescentes e rápidas alterações no panorama económico e político) com que atualmente se confrontam as sociedades tem um impacto dramático nas famílias, e, portanto, nas crianças. São desafios multifacetados e que exigem intervenções múltiplas, alinhadas e bem coordenadas. Nesta complexidade, as necessidades das famílias exigem ser atendidas de forma sistémica e integrada ao nível interinstitucional e intersectorial, ao nível da governança (local, regional, central e supranacional) e ao nível comunitário, para que se possam obter mudanças qualitativas e quantitativas. A forma como os sistemas de educação e de cuidado, formais e não formais, são concebidos, governados e financiados e como as respostas são prestadas, pode fazer uma enorme diferença na vida das crianças e das suas famílias. Investigação e práticas inspiradoras, na Europa e não só, permitem propor e defender mudanças que reconheçam e valorizem a centralidade da criança e da sua família no desenvolvimento e prestação dos serviços e no desenho de respostas para a infância e família, incluindo-as na sua conceção, desenvolvimento e avaliação, pelo impacto que demonstram ter na diminuição das desigualdades e disparidades sociais. O documento europeu *Proposta de Princípios-chave para um Quadro de Referência da Qualidade da Educação e Cuidado na Infância* (Direção-Geral da Educação, 2018)⁴ apresenta uma base sólida para promover sistemas para a infância competentes destacando a colaboração entre serviços e abordagens sistémicas. Para maximizar o impacto dos serviços e respostas e para melhorar o bem-estar daqueles para os quais foram criados, revela-se essencial a

⁴ Proposta de Princípios-chave para um Quadro de Referência da Qualidade da Educação e Cuidado na Infância - Relatório do Grupo de Trabalho sobre Educação e Cuidados na Infância sob os auspícios da Comissão Europeia

cooperação e o alinhamento entre serviços/respostas, incluindo a ação concertada e a integração da sua visão, objetivos, planificação, ações e resultados.

A construção de respostas de base comunitária permite adereçar necessidades até então não atendidas, permite responder a problemas de forma direta e cooperada, gerar respostas customizadas, desocultar saberes, competências e lideranças comunitárias, alargar as redes de convivialidade e de suporte social não formal, bem como desenvolver novos métodos de prestação de serviços.

Do conhecimento disponível e das práticas vivenciadas neste Movimento permitimo-nos neste relato afirmar que se pode estabelecer uma correlação direta entre a promoção do desenvolvimento na infância e o suporte à família (incluindo o desenvolvimento parental e o desenvolvimento da Comunidade). As respostas desenvolvidas no âmbito dos serviços prestados a crianças podem reforçar os objetivos de ambas as intervenções. Investir na qualidade e diversificar as respostas e serviços prestados às famílias e infância, de forma integrada, potencia abordagens ecossistémicas e responsivas. O caminho contruído nesta prática que aqui se documenta permite-nos enunciar como válida a afirmação também evidenciada no Projeto Inteys - Sistemas Integrados para a Infância. Apoiar crianças e famílias em situação de vulnerabilidade (Ionescu, Trikić & Pinto, 2021): a integração e a ligação entre os vários sistemas/serviços que trabalham com as famílias (serviços sociais, saúde, educação, habitação, formação de adultos, cultura, desporto e lazer, etc.) podem ter efeitos notáveis e duradouros na qualidade de vida das famílias.

Criar condições para que famílias, serviços, comunidades, decisores políticos, academia e sociedade civil “reflitam sobre” e enriqueçam as condições que suportam a infância, é assegurar:

- que todas as crianças têm direito, mais do que sobreviver, a prosperar;
- a promoção da infância enquanto espaço de desenvolvimento individual e coletivo;
- o investimento coletivo e participado no enriquecimento e na integração dos ecossistemas que estão em torno da criança e da família.

Movimento Ser Família em Comunidade: uma partilha de práticas

O provérbio “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança” tem constituído “o mote” deste movimento. A “aldeia” do provérbio dá lugar à “aldeia atualizada” dos tempos modernos, cujas dinâmicas teremos que co desenhar para que as pessoas que vivem em Sintra possam “Ser Família em Comunidade”.

É preciso “recuperar a aldeia” que estimula e suporta o bem-estar e o desenvolvimento das pessoas adultas que cuidam e educam as crianças, bem como das próprias crianças. Esta aldeia é composta por indivíduos que precisam de recursos, de espaços e de tempos de reflexão para se desenvolverem, nas esferas pessoal e profissional, providenciando-lhes as melhores condições para se constituírem como efetivos elementos de suporte nas comunidades a que pertencem e/ou servem.

Este movimento não dispensa ninguém, convoca a “aldeia inteira”: crianças, famílias, pessoas moradoras, especialistas, autarcas, pessoas de referência na comunidade, profissionais e voluntários das áreas da Educação, Social, Saúde, Desporto,

Cultura, Formação, Habitação, Desenvolvimento Comunitário, Promoção e Proteção, etc.

Para o alcançar é fundamental estimular momentos de encontro e de diálogo, a várias vozes, assegurando que todos/as são escutados e participam ativamente na procura de soluções que alavancam as forças e respondem aos desafios da comunidade. A comunidade constitui o espaço de relação, de pertença e de suporte formal e não formal das famílias e crianças, mas também de agência na “aldeia contemporânea”.

Como? Proposta de uma estratégia para a ação

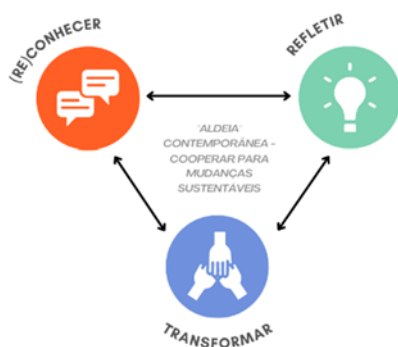
Na certeza que nasce da experiência, da prática sustentada em processos de investigação-ação encetados pela Fundação Aga Khan, afirma-se que a mudança com as características que se ambicionam neste Movimento só acontece como resultado de processos de base (*bottom-up*) participados por todas as forças vivas da(s) comunidade(s), para que esta seja sustentável.

Propõem-se três passos para reedificar a “aldeia contemporânea”.

Figura 1

Movimento Ser Família em Comunidade: estratégia de ação

Movimento Ser Família em Comunidade | estratégia de ação



(Re)conhecer

(Re)Conhecer é identificar as necessidades, interesses, demandas, problemas/barreiras, forças, potencialidades e sonhos. Conhecer é trazer para a visibilidade, é escutar, é narrar as visões biográficas, resumir e sistematizar as heranças e referências sócio-histórico-culturais, potenciar as várias vozes e perspetivas – de crianças, famílias e profissionais – sobre o que existe, quem lá está, o que funciona,

como funciona, o que se deseja, como pode ser melhorado, quem deve estar envolvido, valorizar todas as perspetivas, identificar os impactos/efeitos sentidos em cada parte.

Mecanismos e metodologias que podem ser usadas para facilitar o '(Re)conhecer' num contexto de desenvolvimento comunitário e de animação sócio territorial: diagnósticos participativos; fóruns locais; conversas de rua; *photovoice*; *dotmocracy*; mapeamento de respostas formais e não-formais à infância e família; grupos focais; assembleias; questionários.

Refletir

Refletir é respirar, é encontro, ganhar perspetiva sobre a sua própria voz, colocando em diálogo horizontal todas as vozes e múltiplas visões, incluindo as

contraditórias, ligando e fazendo eco, espelhando e estimulando que estas possam crescer neste diálogo, numa vivência pluralista, onde cada perspetiva ganha com este encontro e se amplia. É escuta interna, encontro com o olhar do outro, resinificação de perspetivas e construção de novos olhares. Ganhar consciência de si, consciência do outro, gerando conscientização, maior empatia e compaixão. Conhecer as representações que cada um de nós tem sobre o outro, sobre o mundo. Abrir o espaço para a transformação. Nesta fase revela-se profícuo o envolvimento de todas as partes interessadas que habitam ou trabalham na comunidade, mas trazer também pessoas externas e especialistas, e acessibilizar conhecimentos e perspetivas, evidências científicas e práticas inspiradoras, etc., por forma a que novos olhares e perspetivas exógenas possam dialogar, ampliar e inspirar as perspetivas e saberes locais. A fase refletir liga-se profundamente com a fase transformar, iniciando-se a geração de soluções, o desocultar de lideranças locais, a conexão entre atores e partes interessadas que poderá gerar soluções cooperativas ou parcerias de desenvolvimento de respostas.

Mecanismos e metodologias que podem ser usadas para facilitar o “Refletir” num contexto de desenvolvimento comunitário e de animação sócio territorial:

- facilitação de diálogos e encontros reflexivos com todos os atores, de forma horizontal e participativa, com especialistas que sejam considerados estratégicos;
- encontros de devolução / reflexão de diagnósticos participativos; fóruns temáticos; rodas de conversa; redes e fóruns locais; grupos focais; assembleias;
- disponibilização de oportunidades de desenvolvimento profissional localmente, por ex.: *workshops* intersectoriais em Educação e Desenvolvimento na Infância, *workshops de Ciência para o Desenvolvimento na Infância (SECD)*; formação em *Human Centered Design (HCD)*; entre outros.

Transformar

Transformar é capitalizar os espaços onde a mudança pode ocorrer e que nasce desses exercícios de reflexão, de diálogo e de encontro. Para que a transformação se opere e consolide é imprescindível: traçar planos de ação participados pelas forças vivas locais; tornar disponíveis e acessíveis os meios necessários (humanos, físicos, financeiros, de conhecimento) para gerar soluções/respostas e caminhos de transformação que permitem gerar/rever/qualificar/diversificar respostas, no sentido de serem compreensivas e responsivas às necessidades, demandas e potencialidades identificadas na etapa Conhecer; disponibilizar formação e acompanhamento em contexto às ideias e soluções geradas; disponibilizar oportunidades de desenvolvimento profissional e organizacional, bem como da qualidade dos serviços locais; disponibilizar suporte em contexto a organizações, redes locais e comunitárias e a comunidades práticas; desocultar saberes e recursos endógenos, suportar lideranças locais e nutrir movimentos de base comunitária.

Mecanismos e metodologias que podem ser usadas para facilitar o ‘Transformar’ num contexto de desenvolvimento comunitário: metodologia de Projeto de Inovação Comunitária (PIC); formação em *Human Centered Design (HCD)*; planeamento participado; redes de parceiros; grupos comunitários; parcerias para o desenvolvimento local e

comunitário; redes de aprendizagem cooperada; comunidades de práticas; consultoria, mentoria, intervisão e supervisão; oportunidades de desenvolvimento profissional e organizacional, de acordo com as necessidades e interesses locais.

Movimento Ser Família em Comunidade: o caminho percorrido em Sintra

A linha da vida que apresentamos resume as principais fases do *Movimento Ser Família em Comunidade* que vem sendo vivido em Sintra, nos territórios da Tapada das Mercês e Casal de São José, Serra das Minas e Pendão, seguindo-se uma descrição mais detalhada.

Figura 2

Movimento Ser Família em Comunidade: principais fases



Diagnóstico Participativo

- Desenvolvido nos territórios de intervenção supramencionados.
- Questionários e grupos focais para levantamento das múltiplas vozes - famílias - pessoas adultas e crianças - e profissionais -, para identificação de necessidades, interesses, perspetivas, o que funciona? Soluções necessárias?
- Rodas de conversa: diálogos entre famílias - pessoas adultas e crianças - e profissionais.

Encontro Ser Família em Comunidade

- Visibilização partilhada da diversidade de vozes num espaço horizontal e seguro de escuta e encontro, com “amplificação” das vozes das famílias.
- Troca de perspetivas e aprendizagens conjuntas.
- A partir de diálogos e encontros reflexivos com a diversidade de atores relevantes, de forma horizontal e participativa, foi possível observar movimentos de aproximação e de facilitação do interconhecimento da diversidade de perspetivas e de *expertise* endógena, valorizando-se o lugar e o saber de quem tem uma experiência direta. Estes diálogos foram enriquecidos com a participação de especialistas, numa lógica de reforço das *expertises* endógenas e da reflexividade local com um olhar mais “externo”, bem como de diversificação das perspetivas, trouxeram reforço, valorização do caminho que estava a ser percorrido e inspiração para as soluções.

Incubadora de Projetos de Inovação Comunitária (PIC): animação de um processo para a ideação e implementação de projetos liderados por pessoas individuais, grupos informais, famílias e/ou organizações com vontade de desenvolver ações/atividades na comunidade:

- co-construção do processo da incubadora de PIC Famílias com famílias, organizações da Sociedade Civil e poder local;
- desenho do modelo de ideação PIC Famílias, para fomentar a proatividade local na construção de soluções customizadas, em que, quer famílias quer profissionais, assumiram papéis de liderança e desenvolvimento de soluções (equipas promotoras) e/ou de suporte ao desenvolvimento de soluções (equipas de acompanhamento), gerando-se novas configurações cooperativas e criando-se o contexto e os meios para que se desocultassem lideranças locais;
- disponibilização de meios para o desenvolvimento de projetos (suporte no planeamento, no desenvolvimento e na avaliação dos projetos; financiamento para a aquisição de material de desgaste, material lúdico-pedagógico, deslocações, entradas em museus/outras atividades lúdicas e culturais, e prestação de serviços)⁵;
- fomento de um espaço de aprendizagem cooperada.

Ideação PIC Famílias

- Reflexão conjunta e participada por famílias e profissionais, informada pelo Diagnóstico inicial, a partir do qual se identificaram as seguintes áreas que necessitavam de soluções e que sustentaram a ideação de PICs: espaço público e de convivialidade; serviços de saúde e bem-estar; educação; emprego e estabilidade financeira.
- Criação de um espaço de escuta das crianças.

⁵ No caso foram despendidos 1.500 € para o total de 19 projetos.

- Ideação de soluções e respostas para a melhoria do suporte às famílias e à infância, considerando as necessidades, interesses e potencialidades das famílias, profissionais e comunidade.

Apresentação de PIC Ser Família em Comunidade

- Momento de celebração e de comunicação de PIC - projetos e soluções sonhadas e protagonizados comunitariamente.
- Espaço de encontro, sinergias e diálogos multidisciplinares.
- Participação de pessoas moradoras, líderes comunitários, organizações e decisores/as políticos/as.

Encontro Ciência Para o Desenvolvimento na Infância

- Partilha de evidências científicas que informam a qualidade das práticas de desenvolvimento na infância e o suporte à família.
- Espaço reflexivo e de co-construção de soluções com profissionais, que deu continuidade a mais momentos de encontro e a grupos de trabalho.
- Deste processo decorreu o desenho de dois projetos que estão em desenvolvimento interinstitucional, por profissionais e voluntários: 1) reforço do papel das redes formais e não-formais de suporte social e comunitário, e da integração de serviços; ações que promovam o autocuidado dos profissionais; 2) reforçar ações de desenvolvimento parental.

Soluções locais: PIC Famílias e projetos de serviços

- Desenvolvimento de novas respostas e soluções para o desenvolvimento da infância e suporte à família nos territórios: 17 Projetos de Inovação Comunitária (PIC) ideados por famílias, profissionais e organizações de três territórios do concelho de Sintra – Algueirão-Mem Martins (Tapada e Casal de São José), Queluz-Belas (Pendão) e Rio de Mouro (Serra das Minas) - em resposta às necessidades, preocupações e interesses identificados nestes territórios. Envolveram no processo de ideação: 106 famílias, 53 crianças, 63 profissionais
- Projetos de Inovação Comunitária (PIC) desenvolvidos por pessoas moradoras e profissionais.

Tabela 1

Identificação de cinco soluções/ideias por área-chave

Espaço Público e Convivialidade	Saúde e Bem Estar	Educação	Geração de Rendimento
<p>5 soluções/ideias</p> <ul style="list-style-type: none"> • revitalização do espaço público e promoção de boas vizinhanças; • Grupo de Dinamização Comunitária, por um bairro mais unido; • envolvimento da comunidade e a descoberta da diversidade local; • criar dinâmicas comunitárias de qualificação do espaço público; • Grupo Naturidade – um grupo de idade maior que transmite as recordações e saberes do passado a crianças. 	<p>5 soluções/ideias</p> <ul style="list-style-type: none"> • atividades desportivas para todas as idades; • redes de interajuda ao cuidador informal; • combate ao isolamento, apoio a cuidadores e pessoas com mobilidade reduzida; • apoio emocional para pais, mães e outros familiares cuidadores; • aproximar as respostas de saúde à comunidade. 	<p>5 soluções/ideias</p> <ul style="list-style-type: none"> • aprendizagem da língua portuguesa como ferramenta de inclusão social e proteção dos direitos dos cidadãos migrantes; • envolvimento da escola, famílias e organizações contribuindo para a diversificação das atividades curriculares; • oficinas de partilha de conhecimento na escola; • suporte às famílias e cuidadores de crianças com autismo; • dar a conhecer a cultura da etnia cigana. 	<p>2 soluções/ideias</p> <ul style="list-style-type: none"> • um espaço colaborativo de criação e produção para a geração de rendimentos • unir diferentes artes e artesãos para divulgar e potenciar o seu trabalho.

- Projetos em desenvolvimento, interinstitucionalmente, por profissionais:
 - a) Aprofundar o trabalho em rede e a integração de serviços, incluindo ações de desenvolvimento profissional e de autocuidado dos profissionais;
 - b) Aprofundar localmente o trabalho de desenvolvimento parental, partindo de um mapeamento do que já se faz ou se fez localmente e respetivas aprendizagens.

- As soluções implementadas e em desenvolvimento estão a resultar em: aumento da proatividade local e o surgimento de novas lideranças; valorização dos saberes e recursos locais para a criação de respostas à medida; diversificação das respostas e soluções locais, e respetiva customização às necessidades, interesses, demandas e potencialidades identificadas; novos processos e dinâmicas comunitárias participados por famílias, organizações da sociedade civil e de serviços locais para a criança e família; reconfiguração das relações entre pessoas moradoras e profissionais, resultando em maior proximidade e em maior disponibilidade para o trabalho conjunto.

Fórum Ser Família em Comunidade

- Organizado pelo Município de Sintra, pela Fundação Aga Khan e por um coletivo de organizações locais e famílias, a 4 de fevereiro de 2023, com o objetivo de ampliar o número e a diversidade de famílias, pessoas moradoras, profissionais, especialistas, serviços e organizações, que se juntam ao Movimento e à reflexão sobre como, em conjunto, se podem criar condições, para sermos família em comunidade, colaborando para assegurar bons começos de vida para as nossas crianças.
- O modelo de organização deste Fórum foi desenhado de forma participada por famílias, profissionais e pessoas de referência na comunidade, que assumiu mote do encontro *Recuperar a Aldeia Contemporânea que precisamos para educar as crianças* e definiu os dois temas centrais para estimular os diálogos - “Como cuidar de quem cuida”? e “Seremos Comunidade”.
- Toda a organização, metodologias e estrutura do fórum (modelo de *world café*, painéis participativos, falas de “coração a coração”, praça pública com debate em plenário...) foram pensadas para criar espaços de segurança que facilitaram os diálogos, com abertura ao encontro entre olhares e perspetivas diversas, com proximidade e horizontalidade, para se poder iniciar a co-construção de uma narrativa coletiva e de caminhos conjuntos e comunitários sobre como podemos, em Sintra, ser a aldeia inteira que suporta a infância.
- Participaram cerca de 50 crianças e 95 adultos (47 moradoras/famílias, 43 profissionais, 3 membros da comunidade académica e 2 autarcas).
- Das diferentes interações resultaram contributos/*outputs* para aprofundarmos o pensamento em torno do *Movimento Ser Família em Comunidade*:
Mesa I: resultados para a infância e família - O que precisamos para assegurar bons começos de vida e trajetórias de vida prósperas?
Mesa II: - O que já fazemos? O que queremos fazer?

Figura 3

Movimento Ser Família em Comunidade: ciclo (Re)conhecer-Refletir-Transformar e ações associadas



Destacamos alguns dos aspetos mais sublinhados pelos participantes: reforçar as redes de suporte social e comunitário, formal e não formal; investir na qualidade das respostas e dos serviços existentes e outros a serem desenvolvidos (respostas humanizadas, culturalmente sensíveis, adaptadas às necessidades, forças e pontos de partida de cada família); disponibilizar mais informação

sobre os recursos e respostas existentes, para gerar mais acesso; necessidade de melhorar as relações e interações na comunidade, nomeadamente, entre pessoas moradoras e entre pessoas moradoras e profissionais, sendo referido: construir relações de suporte e entajuda, escuta, empatia e compaixão, acreditar nas famílias, não julgamento, etc.; valorizar a escola como ponto de entrada e de dinamização comunitária; o desejo de se sentir pertencente e de participar.

Em síntese podemos afirmar que o Movimento pode ser lido a partir da metodologia adotada em que as três fases (Re)conhecer-Refletir-Transformar são cíclicas, interdependentes e dinâmicas, sendo que várias ações contribuem simultaneamente para uma ou mais fases.

Todas estas tiveram por base as finalidades e visões orientadoras do processo *Movimento Ser Família em Comunidade*, nomeadamente, apoiar o desenvolvimento na infância; suportar a família e desenvolvermo-nos como comunidade; implementar uma “cascata de cuidados” integrados e com qualidade; colocar a criança e a família no centro dos processos, das práticas e das decisões; recuperar a “aldeia” numa visão contemporânea, necessária para assegurar o direito à infância.

Considerações Finais

O *Movimento Ser Família em Comunidade* desencadeou contextos de reflexão e de desenho de visão sobre as condições de proteção e de promoção da infância, bem como do suporte à família, ao nível local e comunitário. Resultou na implementação de soluções customizadas, que estão a gerar resposta a necessidades não cobertas, bem como a valorizar potencialidades, saberes e lideranças locais. Foi vivido em crescendo, no número de iniciativas realizadas, no número e diversidade de participantes e no crescente compromisso e envolvimento dos protagonistas, que reforçaram laços e espaços de cooperação, densificando a participação direta nos processos. A progressão deste movimento poderá caminhar para uma definição concertada de resultados para a

infância, ao nível comunitário e interinstitucional, bem como um compromisso partilhado de como assegurar a sua resposta.

Sublinhamos algumas das lições aprendidas:

- A participação de base comunitária e o compromisso individual e coletivo ocorrem quando se revela significativo, útil e consequente; quando se disponibilizam ou são coletivamente criados os meios, os recursos físicos e humanos para que estes se concretizem.
- Alcançar o objetivo central e partilhado de proporcionar os melhores resultados às crianças e suas famílias, hoje e no futuro, requer o foco de uma visão sistémica e uma dupla centralidade da criança e da família, a cooperação comunitária e a integração de serviços. Todas as decisões têm de ser tomadas, desde o início, assumindo e garantindo coletivamente que as suas necessidades serão satisfeitas, vendo crianças e famílias como agentes, parceiros e protagonistas no processo, e não meramente como sujeito da ação de outros. Requer que se assegure coletivamente a implementação de “uma cascata de cuidados” que cuide de todas as partes envolvidas, que “cuide de quem cuida”, desde as famílias e pessoas moradoras, aos profissionais, aos voluntários, aos autarcas, ..., cuidando que todas e todos têm o que precisam para assegurar da melhor forma o seu lugar na “aldeia”.
- Não existem receitas únicas nem universais para fomentar processos de animação territorial que levem à cooperação para atingir objetivos concertados e coletivizados, mas antes “mapas” multidirecionais e uma multiplicidade de caminhos possíveis; os caminhos mais profícuos são os que se trilham à medida das necessidades, aspirações, forças e potencialidades dos seus protagonistas.
- A ação comunitária e a integração de serviços implicam a mudança de mentalidades e de formas de fazer, a reorganização do papel profissional, a resignificação de olhares sobre “os outros atores” e sobre as interações (Ionescu, Trikić & Pinto, 2021), a consciência da sua voz e do seu poder, a construção de uma vivência cívica e participativa, a elaboração sobre os papéis, missões e responsabilidades de todas as partes interessadas, individualmente, organizacional e comunitariamente.
- O desenvolvimento de competências para a cooperação exige planear e dispor do tempo necessário para que o desejo de mudança possa ser sentido e investido de “dentro para fora”. O reforço de competências deve ser alavancado através de ações de formação criadas à medida das necessidades e potencialidades locais, mas acontece sobretudo em contexto, na vivência e gestão coletiva e nos espaços de aprendizagem cooperada e dialógica que esta permite criar, quando todas as partes interessadas se encontram “na mesa das decisões” e são coprotagonistas da ação.
- A participação revela-se como um meio e um fim. Um meio por ser o modo de gestão dos espaços de decisão e de ação e respetiva reflexividade, que gera impactos em cada protagonista-participante e na(s) comunidade(s), e um fim por constituir um direito e um objetivo individual e coletivo em si mesma, resultando numa ação mais concertada e eficaz, que produz melhores resultados.

- Criar condições para a mobilização e ação comunitária e para a integração de serviços requer tempo para construir parcerias e compromissos com a comunidade, tempo para criar uma cultura de colaboração entre profissionais e pessoas moradoras, entre organizações e todas as forças vivas locais, tempo para dialogar e para construir caminhos conjuntos a partir de perspetivas diversas, tempo para refletir sobre “porque fazemos o que fazemos” e sobre os resultados e impactos que alcançamos e que queremos alcançar, tempo para o planeamento conjunto entre sectores, tempo e métodos diversificados de mobilização, tempo para uma participação significativa na tomada de decisões e ajustes refletidos ao longo do processo.
- Contar com o tempo nos processos de mudança é crucial, bem como investir na criação de espaços seguros e de encontro horizontal, que convoca todas/os para ocuparem o seu lugar, em interdependência e corresponsabilização.
- Relações de qualidade entre as equipas e os serviços, entre os profissionais e pessoas moradoras e entre os vários níveis de governança são cruciais e precisam de estar fundados na confiança, no respeito mútuo, de forma culturalmente sensível, em cooperação e corresponsabilização num compromisso conjunto. Para tal, tem-se revelado fundamental os referidos espaços criados de horizontalidade e de participação no Movimento.
- Na referida “cascata de cuidados”, cuidar dos profissionais assume, também, uma prioridade, nomeadamente para minimizar situações de isolamento, de desmotivação e de “*burn out*” a que muitos referem estar sujeitos.
- Profissionais reflexivos, suportados, dispostos a trabalhar em equipas interdisciplinares e integradas, estão mais bem equipados para gerir problemas complexos.
- É importante o equilíbrio entre diferentes tipos de respostas e serviços, universais, especializados e indicativos, formais e não formais, assegurando a existência de respostas à medida e direcionadas a necessidades e aspirações específicas de crianças e famílias.
- É necessário continuar a aprofundar a compreensão, a capacidade e a disposição das organizações e redes locais para implementar práticas participativas com as crianças, as famílias, os profissionais e os membros da comunidade.
- As redes locais de suporte social e comunitário, formais e informais, quando responsivas e investidas no desenvolvimento holístico, são uma mais-valia pela condição de suporte efetivo que podem trazer a crianças, às famílias e aos profissionais.

O desenvolvimento da proatividade local e da criação de respostas de base comunitária, valorizando recursos presentes nas comunidades, foi um ganho assinalável deste Movimento. Desta forma, foi possível atender a necessidades não atendidas, rentabilizar forças, experimentar novos métodos e ensaiar novas e mais cooperativas formas de interação local. Ter projetos liderados por pessoas moradoras resulta no reforço de competências e de saberes que se estendem a outras áreas da vida, fortalecendo a condição para que se minimizem ou invertam situações de exclusão social. Por vezes também acontece que experiências de proatividade comunitária têm

de ser descontinuadas, devido a ciclos de vida de maior vulnerabilidade que atravessam os seus protagonistas, para se evitar o risco de criar um desafio acrescido em pessoas que já estão em situação multidesaafiada. Pela nossa experiência, quando tal acontece, estar a liderar um projeto de base traz oportunidades para robustecer a capacidade de resiliência, e para reforçar as interações com os serviços e respostas sociais e comunitárias, resultando num suporte social e comunitário mais robusto, e numa melhor condição para navegar os recursos internos e externos disponíveis, necessários para ultrapassar os desafios.

Com efeito, estimular a proatividade local precisa de estar a par com o reforço da qualidade, eficácia e eficiência das respostas formais, com o investimento coletivo de reforçar a qualidade dos ecossistemas de desenvolvimento das crianças e famílias, de investir sobre as condições físicas e de segurança do 'bairro', de nutrir os espaços de convivialidade e de suporte comunitário.

Os serviços e respostas locais à infância e família devem atender a todas as crianças e famílias na sua singularidade e com equidade, cooperando para que possam obter os melhores resultados. Uma rede integrada de serviços e respostas, comprometida com abordagens sistémicas, é a melhor forma de responder aos desafios multidimensionais que afetam a qualidade de vida das famílias. Enquanto parceiros-chave, é importante assegurar uma relação próxima com as famílias, que facilite a adoção de abordagens sistémicas e compreensivas. Sabemos que serviços e processos que incentivem a participação e que sejam responsivos acolhem a diversidade e são mais efetivos na promoção da inclusão social. Criar mecanismos e dar suporte às crianças e suas famílias, enquanto *codesigners* das respostas e do Movimento, garante maior qualidade e eficácia das respostas e serviços, bem como melhor adequação e acessibilidade.

Resumindo, a integração nos sistemas de infância e família é construída de forma continuada no tempo, com diferentes ritmos, aprendendo com a monitorização e a avaliação dos processos e práticas de colaboração, cooperação e coordenação. A integração é um processo que exige mudanças nos conceitos e formas de atuar. A mudança exige tempo, partilha de poder e de liderança.

Um sistema integrado que sirva a qualidade de vida na infância baseia-se numa cultura e prática da cooperação, requerendo uma visão clara e inspiradora, capaz de mobilizar para a participação e para lideranças partilhadas. Neste processo, vimos construindo caminhos que se ancoram numa ética do cuidado que valoriza todas e todos, assegurando formas de suportar os seus agentes e protagonistas para assumirem o seu lugar na "aldeia". Esta colaboração baseia-se na partilha de valores, objetivos comuns e ações articuladas, mas também num sentido comum de pertença e de corresponsabilidade.

Para que estas condições se verifiquem, tem sido chave a criação de oportunidades de encontro e de cooperação entre todas as partes interessadas, aprendendo conjuntamente, para gerar maior proximidade e aprofundar a condição de *Sermos e Estarmos em Comunidade*, '(re)conhecendo', 'refletindo' e com isso 'transformando' a nossa própria realidade.

Referências

- Bronfenbrenner, U. (2005). The bioecological theory of human development. In U. Bronfenbrenner (Ed.). *Making human beings human: Biological perspectives on human development* (pp. 3-15). Sage Publications.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The bioecological model of human development. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.) *Handbook of child psychology. Vol. 1: Theoretical models of human development* (pp. 793-828).
- Brooks-Gunn, J., Duncan, G. J., Klebanov, P. K., & Sealand, N. (1993). Do neighborhoods influence child and adolescent development? *American Journal of Sociology*, 99(2) 353–395.
- Núcleo Ciência Pela Infância [NCPI] (2021). *O bairro e o desenvolvimento integral na primeira infância*. Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. <https://ncpi.org.br/publicacoes/wp6-bairro/>
- Núcleo Ciência Pela Infância [NCPI] (2014). *Estudo n° 1: O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem*. Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. <https://www.ncpi.org.br/wp-content/uploads/2018/07/O-IMPACTO-DO-DESENVOLVIMENTO-NA-PRIMEIRA-INFANCIA-SOBRE-A-APRENDIZAGEM.pdf>
- Goldfeld, S., Woolcock, G., Katz, I., Tanton, R., Brinkman, S., O'Connor, E., Mathews, T. & Giles-Cort, B. (2015). Neighbourhood Effects Influencing Early Childhood Development: Conceptual Model and Trial Measurement Methodologies from the Kids in Communities Study. *Social Indicators Research*, 120, (1).
- Ionescu, M., Trikić, H., & Pinto, L. (2021). *INTESYS - Sistemas Integrados para a Infância - apoiar crianças e famílias em situação de vulnerabilidade*. Caixa de Ferramentas. <https://www.centro-olivais.com/intesys/>
- Moore, T. & Skinner, A. (2010). *An integrated approach to early childhood development. Background Paper. Benevolent Society*. http://www.rch.org.au/uploadedfiles/main/content/ccch/tm_bensoc_project_09.pdf
- OECD (2015). *Integrating Social Services for Vulnerable Groups. Bridging Sectors for Better Service Delivery*. OECD Publishing. http://www.oecd-ilibrary.org/social-issues-migration-health/integrating-the-delivery-of-social-services-for-vulnerable-groups_9789264233775-en
- Prichard, P., Purdon, S., & Chaplyn, J. (2010). *Moving forward together: a guide to support the integration of service delivery for children and families*. Centre for Community Child Health, Royal Children's Hospital/Murdoch Children's Research Institute. Tasmanian Early Years Foundation.
- Transatlantic Forum for Inclusive Early Years (2015). *Integrated systems for Children and Families-Continuity and alignment of Services, Synthesis Report*. <http://www.europe-kbf.eu/en/projects/early-childhood/transatlantic-forum-on-inclusive-early-years/tfey-5-dublin>
- Tudge, J. R. H., & Freitas, L. B. L. (2012). Parentalidade: uma abordagem ecológico-cultural. In C. A. Piccinini, & P. Alvarenga (Eds.), *Maternidade e Paternidade: a parentalidade em diferentes contextos* (pp. 171-196). Casa do Psicólogo.

Vélez-Agosto, N. M., Soto-Crespo, J., G., Vizcarrondo-Oppenheimer, M., Vega-Molina, S., Coll, C., G. (2017). Bronfenbrenner's Bioecological Theory Revision: Moving Culture from the Macro into the Micro. *Perspectives on Psychological Science*, Vol. 12(5) 900–910.

Vermeiren. C., Dorien Van Haute, N. J., Noël, C., Raeymaeckers, P., Griet Roets, Michel Vandebroek, Laurent Nisen, & Dierckx, D. (2018). *Integrated networks to combat child poverty: mixed methods research on network governance and perspectives of policy makers, social workers and families in poverty. Final Report*. Belgian Science Policy Office (BRAIN-be - Belgian Research Action through Interdisciplinary Networks). https://www.belspo.be/belspo/brain-be/projects/FinalReports/INCh_FinRep.pdf

WHO (2018). *Nurturing care for early childhood development: a framework for helping children survive and thrive to transform health and human potential*. <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/272603/9789241514064-eng.pdf>

Woodhead, M., Feathersone, I., Bolton, L., Robertson, P. (2014). *Early Childhood Development: Delivering Intersectoral Policies, Programmes and Services in Low Resource Settings*. Topic guide, November. Health & Education Advice & Resource Team (HEART). <http://oro.open.ac.uk/41552/1/Woodhead%20et%20al%202014%20Early-Childhood-Development-Topic-Guide.pdf>

Notas sobre o autor:

Mónica Mascarenhas
monica.brazinha@akdn.org
Fundação Aga Khan Portugal
ORCID: 0000-0000-0000-0000

Agradecimentos: A redação do presente relato de práticas contou com contributos de Catarina Ramalho, Patrícia Bruno e Rui Estrela também da Fundação Aga Khan Portugal.

A autora declarou a não existência de conflito de interesses

Recebido em: 15/06/2023

Aceite, depois de revisão por pares, em 13/07/2023